

A REESCRITA DE TEXTOS BÍBLICOS: LEITURA E LETRAMENTO

EDSEL RODRIGUES TELES (UNICAMP - IEL).

Resumo

O trabalho que apresento a seguir é parte do resultado da minha pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), que tem três objetivos principais: analisar a reescrita dos textos bíblicos que constam no Evangelário, observar o impacto que ela tem no letramento de leitores da Bíblia e verificar como utilizar este material no ensino de língua portuguesa. A pesquisa surgiu com a percepção de que, atualmente, a Igreja Católica no Brasil faz uso de uma versão reescrita da Bíblia nas missas. Esta reescrita, baseada numa das edições da Bíblia (Ave-Maria) e reunida em dois livros (Lecionário e Evangelário, dos quais escolhi o último para a pesquisa), traz estratégias que eu chamo de universalização e oralização dos textos bíblicos. Entretanto, aqueles que frequentam a missa levam a versão antiga da Bíblia. Monta-se, assim, uma situação curiosa de letramento: os fiéis leem uma versão e ouvem outra, a reescrita. Nesta apresentação, vou me dedicar à questão específica da reescrita dos textos. Procurarei responder às seguintes questões: quais são as alterações que acontecem na versão do Evangelário? É possível estabelecer regras gerais que orientem essa reescrita? Que fatores motivam essas alterações? Quais são as imagens de texto e de leitor que se formam com essa reescrita? Levando em consideração que o catolicismo e a Igreja, mesmo hoje, exercem significativa influência na população brasileira, o trabalho verifica em que medida essas alterações influenciam a percepção sobre texto dos católicos que vão à missa, como sua relação com a palavra escrita (e ouvida) é afetada, seu letramento, enfim.

Palavras-chave:

Letramento, Reescrita, Leitura.

I. A Bíblia como fonte de pesquisa em leitura e ensino de língua

Apesar de obsoleta, a polêmica em torno do embate entre ciência e religião perdura até os dias atuais. Obsoleta pois hoje podemos conceber dois campos bem nítidos nos quais ciência e religião atuam. Campos que não digladiam entre si, mas que discutem saudavelmente. E mais, campos para os quais os mesmos objetos podem ser fontes de estudo, sob diferentes pontos de vista. Guiraldelli Júnior (sem ano) diz:

(...) beneficiados pelo clima de mais liberdade no ambiente pós-moderno, podemos ficar longe daqueles que querem nos fazer acreditar que a leitura da Bíblia é uma prática restrita às pessoas de fé. Ou restrita às senhoras carolas, aquelas pessoas desinformadas que “ainda não viram que aquilo é mitologia”, “pessoas desesperadas voltando-se para Jesus ou Deus”. Não, nada disso.

O clima pós-moderno permite (...) ler e glosar textos sabendo que eles servem a fins diferentes, que possuem uma funcionalidade variada. (...) As narrativas poderiam, quaisquer delas, ser apreciadas melhor se as víssemos como cumprindo funções que autores e leitores dão a elas. Essas funções não competem no mesmo campo (...) (p. 90 – 91)

Contudo, o receio de tentar fazer pesquisa acadêmica com um objeto considerado sagrado, religioso, me perseguiu durante boa parte deste trabalho de Iniciação Científica que ora trago para este congresso. Seria possível fazer ciência com

a Bíblia? Não seria demasiada pretensão falar sobre um assunto que, por diversas vezes, esbarra no território da crença? A resposta, reconfortante, foi sendo delineada com o tempo e, para o bem do trabalho, observei que sim, há muito que se fazer de científico com o objeto Bíblia. E há simplesmente porque, como Ghiraldelli afirma acima, a Bíblia pode ser vista a partir de diferentes óticas: um livro religioso tomado como base para a fé das religiões cristãs; um documento histórico com informações fundamentais sobre o povo hebreu; um dossiê (antropológico?) sobre um dos homens mais influentes da Antiguidade Clássica Ocidental; uma fonte de inspiração para obras de arte; finalmente, um conjunto de livros com os quais podemos trabalhar questões de língua como tradução, gênero, oralidade, leitura, reescrita.

A ideia para essa pesquisa surgiu após uma missa de Natal em 2007, na qual constatei que o padre lia uma versão da Bíblia diferente da que eu e todas as pessoas da igreja tínhamos em mãos. A versão do padre era a aprovada pela *Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos*[1] em 2000. Chamava-se – a versão do padre – Evangeliário, e era uma reescrita da edição bíblica[2] que usávamos na referida missa. Na verdade, o Evangeliário era a reescrita só dos quatro Evangelhos da Bíblia – Mateus, Marcos, Lucas e João. Além dele havia também o Lecionário, com os outros textos bíblicos reescritos. A partir dessa constatação e do desenvolvimento de meu projeto de pesquisa, três questões centrais foram suscitadas:

- Como é, do ponto de vista linguístico, a reescrita do Evangeliário?

- Que influências o contato simultâneo com duas versões de texto tem na leitura e, em última instância, no letramento dos sujeitos que vão à missa?

- De que forma esse material pode ser utilizado no ensino de língua portuguesa?

Este texto é parte do resultado da pesquisa de Iniciação Científica citada acima. Aqui, procuro discorrer mais especificamente sobre o primeiro questionamento, procurando encontrar regras gerais que orientem a reescrita e as imagens de texto e leitor formadas a partir da mesma.

Apesar de a Igreja Católica não ter mais a influência que já teve em outras épocas de nossa história, ainda hoje é a religião assumida pela maior parte dos brasileiros. Desses, certa parcela participa do ritual católico e, assim, está em contato, maior ou menor[3], com essa nova situação de letramento, o que traz à pesquisa um caráter abrangente.

Para encontrar respostas satisfatórias dos motivos que levaram à reescrita dos textos bíblicos, fiz a leitura de textos teóricos que pudessem embasar a pesquisa. Os textos de Manguel (1997), Chartier (1992; 2001) foram essenciais para que eu pudesse formar um panorama histórico da leitura no mundo ocidental, com ênfase na questão da leitura em voz alta e ouvida, situação que ocorre na missa e que é central na pesquisa. Questões como a passagem da leitura em voz alta para a silenciosa, de que recursos se utilizam na primeira em contraposição àqueles utilizados na segunda foram abordadas por esses autores e serviram para a reflexão. Também foi importante para entender a posição do livro nesses rituais, como ele adquire um *status* simbólico sagrado. Além disso, a edição da coleção *Biblioteca Entrelivros* sobre a Bíblia (*A Bíblia muito além da fé*) preencheu lacunas e destacou a origem oral dos textos bíblicos. Os textos de Fiad

(2006) e de Nóbrega (2000) serviram como base para as reflexões sobre como a reescrita é um processo fundamental na aquisição da linguagem escrita. Também atentaram para como o paradigma indiciário proposto por Ginsburg (1968) é uma interessante forma de enxergar as alterações do texto reescrito. Para a finalização da análise, a leitura de Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (2002) contribuiu para o estabelecimento de regras gerais de reescrita a partir de uma perspectiva quantitativa das operações. Com isto pude descrever uma imagem do que seja um texto oral e universal para o leitor/ouvinte contemporâneo da Bíblia para a Igreja.

Procurei selecionar textos que fossem conhecidos dos leitores, cânones. Acontecimentos famosos e importantes para os católicos que são descritos nos Evangelhos tiveram privilégio. Foram feitas análises de quatro textos: um sobre o nascimento de Jesus (Lucas 2, 1-14), um sobre a cerimônia de lava-pés (João 13, 1-8, 12-15), um sobre a morte do Cristo (Marcos 15, 1-39) e um sobre sua ressurreição (Mateus 28, 1-10).

Antes de analisar a reescrita, é preciso esclarecer como funciona a prática de letramento que serviu de base para esta pesquisa: a leitura dos textos bíblicos durante a missa.

II. Textos bíblicos e sua utilização pela Igreja Católica

A prática de leitura dos textos bíblicos é exercida desde os primórdios da Igreja, especialmente depois que Jerônimo de Antioquia (hoje São Jerônimo) realizou a tradução dos textos do grego para o latim vulgar, a *Vulgata*. Alguns participantes da missa e o padre realizam a leitura de textos bíblicos pré-selecionados num certo momento da missa. Eles leem em pé, no altar. A leitura é realizada a partir de um livro mais ornamentado. Aos outros participantes da celebração, cabe acompanhar silenciosa e atenciosamente o texto lido.

Podemos chamar essa prática como uma das variações da leitura em voz alta. Se hoje este tipo de leitura está cada vez mais restrito a algumas situações, durante a Idade Média era a norma. Da leitura informal à leitura institucionalizada, ler em voz alta era tão comum que as ações se mesclavam mesmo na linguagem: em aramaico e hebreu antigos, os verbos *ler* e *falar* eram designados pelo mesmo signo. Como eram poucos os que sabiam ler, a leitura era compartilhada entre a comunidade por um *lector* que lia o livro a uma plateia. Cada *lector* deveria conhecer o texto que lia, e isso implicava diversas leituras anteriores àquela feita para o público. O texto era praticamente decorado pelo leitor, que encenava o ato de ler. Quando da leitura ao público, eram incluídos diversos recursos: gestualidade, ênfases, reações emocionais. A prosódia era auxiliada pelo sistema de pontuação de Aristófanes de Bizâncio[4].

Na Igreja, a leitura em voz alta ganha um estatuto sagrado por conta de todo o ritual que a envolve. Os livros utilizados, o altar, a posição do leitor são aspectos que tornam a prática institucionalizada e sagrada. O próprio livro utilizado é mais ornamentado, com uma distribuição gráfica mais apropriada e detalhes mais exuberantes. “Durante o ato de ler (de interpretar, de recitar), a posse de um livro adquire às vezes o valor de um talismã.” (MANGUEL, 1997, p. 143). No ritual

religioso, o livro adquire estatuto especial que vai além daquele que adquire com a leitura em voz alta. “(...) os rituais eclesiásticos em geral exigem que os objetos escritos sejam colocados no centro da cerimônia.” (CHARTIER, 1992, p. 232).

Somente a prática corriqueira da leitura em voz alta que ocorre na missa já poderia ser fonte de uma pesquisa sobre como os leitores se comportam nessa cada vez mais rara situação de leitura. No entanto, o fato de o Vaticano, desde 2000, ter alterado os textos lidos no altar e criado essa diferença entre versão lida em voz alta e versão acompanhada pelos participantes da missa enriquece ainda mais a discussão.

III. A reescrita dos textos bíblicos

Na primeira parte do trabalho, fiz uma análise mais detalhada de quais são as alterações da versão do Evangelário. Comentei que as quatro *operações elementares* de reescrita[5] acontecem para contemplar duas diretrizes: a da facilitação do texto e a da universalização.

A facilitação diz respeito à tentativa de aproximar o texto da oralidade. De fato, Chartier (1992), assim como diversos outros autores, apontam as discrepâncias existentes entre o registro impresso e o texto oral. Como o texto na missa é proclamado pelo padre para os participantes, é interessante que esses textos apresentem elementos de oralidade. Vale ressaltar que o texto não deixa de ser escrito, apresentando, pois, características de texto escrito. É interessante perceber como a reescrita procura atenuar este fato, acrescentado elementos de oralidade.

A universalização traz a ideia de que o texto do Evangelário se adéqua a um leitor universal. As edições da Bíblia sempre buscam um leitor específico: estudiosos, padres, crianças. O Evangelário tem o objetivo de se adequar a uma espécie de leitor-base de nossa sociedade. Daqueles que tiveram menos oportunidades de estudo àqueles que cursaram o ensino superior, o Evangelário, de acordo com o objetivo da Igreja, atende a todos.

Num segundo momento da pesquisa, procurei estabelecer o que seria, na visão de quem realizou a reescrita, um texto mais fácil de ser lido em voz alta e mais atual. Para tanto, cotejei novamente as versões da Bíblia e do Evangelário, mas agora sob uma perspectiva mais quantitativa, a fim de observar a recorrência de reescritas com mesma função. Abaixo seguem cinco tabelas. A tabela 1 traz a análise estritamente quantitativa, mostrando o número de operações de reescrita dos textos. As tabelas de 2 a 5, além de mostrarem os números, falam sobre as funções gerais do uso das operações. Claro que, em relação à extensão dos livros que compõem o Evangelário, os textos analisados parecem poucos. Entretanto, são ocorrências significativas e emblemáticas de como a reescrita é feita ao longo das novas versões da Bíblia. Se a generalização talvez não seja possível em alguns casos, basta a ideia de que as ocorrências singulares também são marcas significativas e importantes da reescrita, assim como Ginsburg (1968) propõe em seu paradigma indiciário.

Tabela 1: Operações de reescrita no material analisado					
	Mateus 28, 1-10	Marcos 15, 1-39	Lucas 2, 1- 14	João 13, 1- 8, 12-15	Total
Acréscimo	6	22	15	5	48
Omissão	3	15	5	9	32

Inversão	2	16	7	4	29
Substituição	23	64	28	15	130
Total	34	117	55	33	239

Tabela 2: Classificação funcional das operações de acréscimo

	Explicitar termos	Tornar passagem mais clara	Enfatizar	Incluir pontuação
Acréscimo	15	12	15	6

Tabela 3: Classificação funcional das operações de omissão

	Simplificar passagens	Omitir pronome <i>lhe</i>	Omitir 2ª pessoa do plural
Omissão	17	12	3

Tabela 4: Classificação funcional das operações de inversão

	Ordenar canonicamente	Mudar relações	Simplificar passagens	Focalizar termos
Inversão	15	2	4	8

Tabela 5: Classificação funcional das operações de substituição

	Alterar efeito de sentido	Alterar por palavra mais usual	Simplificar passagens	Mudar relações	Explicitar referência do pronome	Indefinido[6]
Substituição	57	30	13	8	13	9

Com as informações das tabelas é possível levantar hipóteses sobre qual é a imagem que a Igreja faz de um texto mais fácil de ser lido em voz alta e mais adaptado à atualidade. Discorro brevemente sobre as hipóteses na forma de tópicos e utilizando um exemplo em cada um deles, nos quais o versículo em fonte normal é o da Bíblia e o em itálico, o do Evangeliário.

Um texto mais fácil de ser lido em voz alta e mais atual, de acordo com a reescrita do Evangeliário:

1 – tem muitas sentenças em ordem canônica: de fato, um falante nativo está muito mais acostumado a ouvir sua língua de acordo com a ordem mais recorrente. Assim, em muitos momentos da reescrita, inversões e hipérbatos bíblicos voltam à ordem direta. Em Marcos, temos o seguinte:

31 Desta maneira, **escarneciam dele também os sumos sacerdotes e os escribas**, dizendo uns para os outros: “Salvou a outros e a si mesmo não pode salvar!

31 Do mesmo modo, os sumos sacerdotes e os mestres da Lei zombavam dele, dizendo: “A outros salvou, a si mesmo não pode salvar!

2 – tem poucos termos ocultos: a versão reescrita procura sempre preencher todas as posições sintáticas fundamentais, evitando sujeitos e objetos ocultos, principalmente. Dados do NURC[7] mostram que o falante do português brasileiro está cada vez mais deixando de esvaziar essas posições da sentença. A reescrita acompanha essa tendência. Em Lucas:

7 E [] deu à luz seu filho primogênito, e, [] envolvendo-o em faixas, reclinou-o num presépio; porque não havia lugar para eles na hospedaria.

7 e **Maria** deu à luz o seu filho primogênito. **Ela** o enfaixou e o colocou na manjedoura, pois não havia lugar para eles na hospedaria.

3 – tem seus referentes sempre explicitados, evitando, sempre que possível, o uso de pronomes: além de evitar posições vazias, a reescrita também evita muitas referências procurando recuperar o referente, desde que o texto não se torne repetitivo e deselegante. Provavelmente isso se deve ao fato de que, na fala, é complicado se lembrar dos termos a que um clítico se refere quando aquele está muito distante. Observe o exemplo de Mateus. Vale destacar que o referente *as mulheres* havia aparecido anteriormente somente no versículo 5:

8a **Elas** se afastaram prontamente do túmulo [...]

8a *As **mulheres** partiram depressa do sepulcro.*

4 – tem uma pontuação adequada que auxilia o leitor a realizar uma boa leitura: a versão do Evangelário busca apresentar uma pontuação mais diversificada, para que o leitor saiba a entoação de sua leitura. Vírgulas indicando pausas e exclamações para que o leitor eleve seu tom tornam-se mais frequentes. Novamente, veja o caso de Mateus:

6 Não está aqui: ressuscitou como disse. Vinde e vede o lugar em que ele repousou.

6 *Ele não está aqui! Ressuscitou, como havia dito! Vinde ver o lugar em que ele estava.*

5 – tem muitas sentenças mais simples: nesse item incluo todas as passagens que, em maior ou menor medida, apresentaram troca de orações subordinadas e reduzidas por coordenadas, evitaram orações intercaladas, reorganizaram a sequência temporal (usando uma ordem cronológica das ações), trocaram tempos verbais, principalmente o pretérito mais que perfeito pela expressão *tinha + verbo no particípio*. Trago somente um exemplo, que se refere à reorganização da sequência temporal, com a eliminação da oração reduzida, substituindo-a por uma coordenada. É de João:

4 levantou-se da mesa, depôs as suas vestes e, **pegando duma toalha**, cingiu-se com ela.

4 *levantou-se da mesa, tirou o manto, **pegou uma toalha** e amarrou-a na cintura.*

6 – tem termos de destaque na história focalizados e/ou enfatizados: tais termos aparecem primeiro, estão entre vírgulas, surgem como sujeitos, vêm com um modalizador. São várias as técnicas utilizadas. Abaixo, há um exemplo de Lucas:

5 para se alistar com a **sua esposa Maria**, que estava grávida.

5 *para registrar-se com **Maria, sua esposa**, que estava grávida.*

7 – não deve ter muitos pronomes *lhe* nem pronomes da 2ª pessoa do plural: curiosamente, quase todas as ocorrências do pronome *lhe* são omitidas na reescrita.

Além disso, alguns pronomes da 2ª pessoa do plural (vós, vossos, vos) também passam pelo mesmo processo. Será que há o conceito de que tais pronomes estão deixando de ser usados na oralidade? No caso da 2ª pessoa do plural, certamente, sim. Entretanto, no caso de *lhe*, tendo a dizer que há uma antecipação em seu desaparecimento. Um caso, só pra ilustrar, retirado de João:

6 Chegou a Simão Pedro. Mas Pedro **lhe** disse: “Senhor, queres lavar-me os pés!...”

6 Chegou a vez de Simão Pedro. Pedro [] disse: “Senhor, tu me lavas os pés?”

8 – tem mais palavras do cotidiano, em detrimento de termos de uso restrito ou em desuso: palavras em desuso ou utilizadas em sentidos pouco usuais atualmente dão lugar a um léxico mais conhecido e atual. O mesmo caso para estruturas arcaicas, como a mesóclise. Aliás, é ela que ilustra este item. Versículo retirado de João, mais uma vez:

7 Respondeu-lhe Jesus: “O que faço não compreendes agora, mas **compreendê-lo-ás** em breve.”

7 Respondeu Jesus: “Agora, não entendes o que estou fazendo; mais tarde compreenderás”.

Resta falar agora sobre as alterações que trazem novos efeitos de sentido ao texto. De fato, são as substituições as principais responsáveis por esse fenômeno (57 ocorrências). Tais alterações são interessantes para que se observe que a reescrita também atende a propósitos outros que não somente o explicitado acima. Há algumas modificações que corrigem erros, retiram conotações negativas de versículos e trazem efeitos mais adequados de acordo com o que se busca no texto. Vejamos quatro desses efeitos.

Nos versículos abaixo, de Lucas, as palavras destacadas da Bíblia se referem ao campo semântico do exército, da guerra. Ambas são modificadas na versão reescrita por palavras de outro campo semântico. Os indícios mostram que há uma tentativa de afastar esse texto bíblico de qualquer relação com termos militares.

3 Todos iam **alistar-se**, cada um na sua cidade.

*3 Todos iam **registrar-se**, cada um na sua cidade natal.*

13 E subitamente ao anjo se juntou uma multidão do **exército** celeste, que louvava a Deus e dizia:

*13 E, de repente, juntou-se ao anjo uma multidão da **corte** celeste. Cantavam louvores a Deus, dizendo:*

Por outro lado, nos versículos abaixo, de Marcos, é interessante utilizar palavras do campo semântico da guerra, pois se trata da condenação de Jesus, um acontecimento marcado pela violência.

16 Os soldados conduziram-no ao interior do pátio, isto é, ao pretório, onde convocaram toda **a corte**.

*16 Então os soldados o levaram para dentro do palácio, isto é, o pretório, e convocaram toda **a tropa**.*

39 **O centurião** que estava diante de Jesus, ao ver que ele tinha expirado assim, disse: “Este homem era realmente o Filho de Deus.”

39 *Quando o oficial do exército, que estava bem em frente dele, viu como Jesus havia expirado, disse: “Na verdade, este homem era Filho de Deus!”*

Ainda neste mesmo sentido, a mudança de *perguntar* por *interrogar* abaixo reforça a posição de Jesus como um acusado, réu, alguém que vai sofrer as penas severas da lei.

2 Este **lhe perguntou**: “És tu o rei dos judeus?” Ele **lhe** respondeu: “Sim.”

2 E Pilatos **o interrogou**: “Tu és o rei dos judeus?” Jesus respondeu: “Tu o dizes.”

4 Pilatos **perguntou-lhe** outra vez: “Nada respondes? Vê de quantos delitos te acusam!”

4 Pilatos **o interrogou** novamente: “Nada tens a responder? Vê de quanta coisa te acusam!”

Finalmente, em Mateus, observo a mudança de *túmulo* por *sepulcro*. Parece-me que *túmulo* traz uma conotação negativa ao texto, remete à morte terrena, ao cemitério, conotação indesejada ao momento, já que é o retorno do Cristo, sua ressurreição. *Sepulcro* é um registro menos conhecido e, por isso mesmo, não traz efeitos de sentido negativos.

1 Depois do sábado, quando amanhecia o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o **túmulo**.

1 Depois do sábado, ao amanhecer do primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o **sepulcro**.

8 Elas se afastaram prontamente do **túmulo** com certo receio, mas ao mesmo tempo com alegria, e correram a dar a boa nova aos discípulos.

8 As mulheres partiram depressa do **sepulcro**. Estavam com medo, mas correram com grande alegria par dar a notícia aos discípulos.

Reescrever o texto bíblico tem um propósito claro para a Igreja: é necessário um texto que se adéque à atualidade e que pareça mais oral.

IV. Considerações finais

Dentro do processo de aquisição da linguagem escrita, a reescrita se configura como uma ferramenta fundamental para que os sujeitos sejam capazes de mobilizar seus recursos linguísticos de maneira eficiente a depender dos diversos contextos de uso da linguagem escrita. Analisar os textos reescritos da Bíblia que são utilizados atualmente pela Igreja Católica, uma ocorrência social, real portanto, dentro de um contexto peculiar no qual os leitores se deparam com um texto escrito diferente do ouvido possibilitou que eu visse em que medida a reescrita consegue atingir os objetivos dos produtores do texto, e de que forma ela influencia a leitura desses sujeitos. A parte da pesquisa que desenvolvi aqui relatada visou a identificar que alterações a reescrita dos textos bíblicos traziam, e pautadas sob quais diretrizes.

A Igreja atingiu seu objetivo em renovar seu texto a um novo público, trazendo um novo texto bíblico mais adequado à leitura em voz alta, com elementos de oralidade

e organização gramatical menos hermética. Se um texto bom é definido por sua capacidade de se adequar a interlocutores específicos, os textos do Lecionário e do Evangeliário satisfazem a demanda.

V. Bibliografia consultada

ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S. e MAYRINK-SABINSON, M.L.T. **Cenas de Aquisição da Escrita** – O Sujeito e o Trabalho com o Texto. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

Bíblia Sagrada. 9ª Edição. SP: Ave Maria, 1996. Tradução dos originais mediante versão dos monges de *Maredsous* (Bélgica) e pelo Centro Bíblico Católico. Revisado por Frei João José Pedreiro de Castro, OSM, e pela equipe auxiliar da editora.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: **Práticas de Leitura**. SP: Estação Liberdade, 2001. Tradução de Cristiane Nascimento.

CHARTIER, R. Texto, impressão, leituras. In: HUNT, L. (org.). **A Nova História Cultural**. SP: Martins Fontes, 1992. Tradução de Jefferson Luiz Camargo.

Evangeliário. 1ª Edição, SP: Edições Loyola, 1999.

FIAD, R.S. Escrever é reescrever. **Caderno do Professor**. Belo Horizonte: Ceale/Fae/UFMG, 2006.

GHIRALDELLI JÚNIOR, P. Pós-modernidade propõe leitura laica. In: **Revista Biblioteca Entrelivros** – A Bíblia muito além da fé. SP: Duetto, ano 1, nº 2, sem ano. pp. 88 – 97.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais**: Morfologia e História. SP: Companhia das Letras, 1968. Tradução de F. Carotti.

MANGUEL, A. A leitura ouvida. Em: **Uma História da Leitura**. SP: Companhia das Letras, 1997. Tradução de Pedro Maria Soares.

MANGUEL, A. Os leitores silenciosos. Em: **Uma História da Leitura**. SP: Companhia das Letras, 1997. Tradução de Pedro Maria Soares.

NÓBREGA, M.J.M. **Paráfrase, Autoria e Processos de Assimilação da Palavra do Outro**. Dissertação de Mestrado. SP: 2000.

SCLIAR, M. O fascinante universo bíblico. In: **Revista Biblioteca Entrelivros** – A Bíblia muito além da fé. SP: Duetto, ano 1, nº 2, sem ano. pp. 10 – 19.

Sites consultados:

Página com informações sobre Aristófanes de Bizâncio: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/AristofB.html>

Página da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: <http://www.cnbb.org.br>

Página do NURC – Projeto Norma Urbana Culta: www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/

[1] Esse órgão da Igreja Católica é o responsável por determinar quais textos devem ser usados nas missas de todas as igrejas católicas do mundo.

[2] Edição da editora Ave Maria. Vide a bibliografia consultada.

[3] Digo maior ou menor por conta de que há igrejas que ainda usam outras versões da Bíblia e outras que já adotaram o texto reescrito do Evangelário, na forma dos folhetos de missa.

[4] O sistema de pontuação de Aristófanos de Bizâncio incluía pontos finais, vírgulas, hífen e asteriscos, e fez muito sucesso principalmente entre os religiosos, já que permitia definir uma entonação padrão para a leitura dos textos.

[5] As quatro *operações elementares* são: *acrécimo* de um novo elemento em algum ponto do enunciado; *omissão* de um elemento presente em passagem equivalente do texto-base (no caso, o texto retirado da Bíblia); *inversão* dos elementos em relação ao texto-base; *substituição* de um elemento ou de um grupo por outro. Na verdade, essa nomenclatura foi criada e utilizada por autores anteriores a FUCHS (1994). São eles: BELLEMIN-NOEL (1977), GRÉSILLON & LEBRAVE (1982).

[6] São substituição para as quais não encontrei razão relevante.

[7] Dados e informações disponíveis em www.letras.ufrj.br/nurc-rj/. O NURC – Projeto Norma Urbana Culta – foi um projeto que envolveu diversas universidades do país, com o objetivo que descrever a variedade culta falada em cinco capitais brasileiras.